



EPISTEMOLOGIA DO ÉDEN: ENSAIO HIPOTÉTICO SOBRE AS LIMITAÇÕES DE UM SER PERFEITO

Epistemology of Eden: Hypothetical Test on the Limitations of a Perfect Being

José da Cruz Lopes Marques*

E
N
S
A
I
O



* Bacharel e mestre em Teologia; graduado, mestre e doutorando em Filosofia. Professor colaborador do Seminário Batista do Cariri e da Faculdade Batista do Cariri na graduação nas áreas de Filosofia e Teologia Contemporânea e nas especializações de Teologia Bíblica e Apologética Cristã. É professor efetivo de Filosofia do Instituto Federal do Ceará. Pastor batista desde 2002. E-mail: markvani18@yahoo.com.br

RESUMO:

O presente ensaio tem por objetivo analisar em que sentido podem ser pensadas as limitações cognitivas de um ser perfeito. Partindo da condição temporal do homem e considerando o tempo como categoria determinante da finitude, serão analisadas a tríplice dialética de estar no tempo: memória/esquecimento, percepção/não-percepção e certeza/dúvida, bem como o modo como esta dialética persiste na eternidade. Toda a análise terá como referência o conceito de perfeito como uma adequação entre essência e ação.

PALAVRAS-CHAVE: Finitude; Dialética; Conhecimento; Perfeição; Eternidade.

ABSTRACT:

The present essay aims to analyze in what sense the cognitive limitations of a perfect being can be thought. Starting from the temporal condition of man and considering time as a determinant category of finitude, the threefold dialectic of being in time will be analyzed: memory / forgetfulness, perception / non-perception and certainty / doubt, as well as the way this dialectic persists in eternity. The whole analysis will have as reference the concept of perfect as a match between essence and action.

KEYWORDS: Finitude: Dialectic: Knowledge: Perfection:

1 – NOTA DE ADVERTÊNCIA

*O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos (...). Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam (DELEUZE; GATTARI, **O que é a filosofia?**).*

Toda advertência parece indicar que o objeto sobre o qual se adverte deve ser visto com receio, com reservas. Mesmo assim, creio ser apropriado introduzir este ensaio com três advertências. Primeiramente, devo enfatizar que a designação ensaio não é fortuita ou despreziosa. O texto é, de fato um ensaio e, como tal, prioriza a reflexão teológico-filosófica, a criação, a imaginação, a intuição poética. Tal característica, no entanto, não significa que o texto seja carente de rigor conceitual e metodológico ou pretenda perder-se em especulações vazias ou na superficialidade dos lugares-comuns. Quero apenas esclarecer que este ensaio não é o resultado de uma pesquisa fundamentada em um amplo e atualizado referencial teórico. No entanto, ele é fruto de uma reflexão pessoal do autor que busca analisar filosoficamente um determinado tópico teológico, a saber: em que sentido podem ser pensadas as limitações cognitivas de um ser humano perfeito. Evidentemente, a tarefa reflexivo-criativa requer maior liberdade para que o pensamento execute a tarefa que lhe é mais nobre: a criação de conceitos. Eis a razão porque não escreverei um artigo, mas um ensaio.

Reconhecemos que as perfeições de Adão em seu estado pré-queda já têm sido objeto de amplo e frutífero debate filosófico ao longo da história. A título de exemplo, vale lembrar a célebre conclusão de David Hume sobre a impossibilidade de Adão saber que se afogaria simplesmente por verificar a fluidez da água, a análise kierkegaardiana da liberdade de Adão como condição para a angústia e para Queda, ou mesmo a especulação sobre a prodigiosa capacidade cognitiva do homem paradisíaco efetuadas por Agostinho, Pascal e, mais recentemente, por C. S. Lewis. Nosso ensaio versará sobre um tópico menos frequentado pelos filósofos, mas não menos apropriado para uma reflexão dessa natureza.

Em segundo lugar, devo advertir que esse trabalho, embora pretenda debruçar-se sobre um objeto bíblico-teológico, não tem como foco primário elaborar uma exegese minuciosa de passagens relacionadas ao problema. Obviamente, algum esforço hermenêutico será importante neste empreendimento, mas somente como um instrumento para melhor conduzir a reflexão sobre o assunto. O ensaio não perderá, por isso, o seu viés teológico-filosófico. Será teológico porque procurará refletir e comunicar um dado da fé; será também filosófico, posto que procurará realizar tal tarefa valendo-se, na medida do possível, de categorias lógico-dedutivas. Por prescindir do labor exegético, o ensaio não revela qualquer atitude depreciativa em relação ao texto bíblico e à tradição teológica. Neste ponto, acho que posso fazer minhas as palavras de Descartes o qual, ao anunciar os fundamentos do seu método científico no *Discurso do método*, estabelece como uma das máximas orientadoras de sua reflexão, obedecer e respeitar os princípios da religião na qual fora instruído.

Ademais, este ensaio, embora se utilize de categorias cristãs, não tem *a priori*, uma finalidade apologética de cunho confessional. Assim, as categorias como Pecado, Eternidade, Fé, Perfeição Edênica, serão tomadas como hipóteses filosóficas e não como conceitos exclusivamente teológicos. É óbvio que não se pode esvaziar tais conceitos de seu viés teológicos, mas, neste caso, a teologia será a base para a reflexão filosófica, como já o fizeram Agostinho, Anselmo, Pascal, Kierkegaard, Unamuno, Ricoeur e tantos outros.

Por fim, essa reflexão não se baseia em nenhuma perspectiva científica e nem pretende propor nenhuma teoria sobre o assunto. Neste sentido, sua finalidade é muito mais instigar a reflexão do que apresentar um conhecimento pronto e acabado. Por conseguinte, não ousarei teorizar; ensaiarei porque o ensaio tem em sua gênese a liberdade da criação literária e a potência latente da reflexão filosófica; ensaiarei porque o ensaio é capaz de perceber a primazia da pergunta diante da pretensão da resposta; ensaiarei porque o ensaio demonstra a profundidades e a beleza das preliminares; porque o ensaio é, enfim, a placenta vital que nutre o conceito, conceito que é a mais sublime expressão do pensamento, pensamento que não se cristalizou nos lugares comuns, que não sucumbiu diante da escravidão do secundário, sempre aberto à sua potência criativa.

2 – PODE O PERFEITO TER LIMITAÇÕES?

E contemplei as outras coisas que estão abaixo de ti, e vi que nem existem absolutamente, e nem absolutamente deixam de existir. Certamente existem, porque procedem de ti; mas não existem, pois, não são o que tu és, porque só existe verdadeiramente o que permanece imutável (AGOSTINHO, Confissões).

Aparentemente, as noções de perfeição e limitação são autocontraditórias, visto que, a definição de um objeto verdadeiramente perfeito parece indicar um ser não suscetível de limitações, de determinações ou contingências. Por outro lado, um ser dotado de limitações já seria, de certo modo, imperfeito. De fato, do ponto de vista de um objeto infinito, não há dúvida que a limitação é considerada uma imperfeição. Esta mesma limitação, por outro lado, é considerada uma propriedade essencial quando o objeto em questão é finito. Essa distinção será fundamental para aquilo que procuraremos investigar neste ensaio: a possibilidade de se pensar as limitações de um ser perfeito. Partiremos do pressuposto que limite e perfeição são condições conciliáveis em determinado ser. Para esta reflexão, tomaremos como objeto Adão em seu estado anterior à Queda, um ser tanto perfeito quanto limitado.

No que concerne às perfeições do homem paradisíaco, não discorreremos aqui. Reconhecemos a autoridade do testemunho escriturístico, bem como as implicações lógicas desse relato já exploradas pela tradição teológico-filosófica. Um Deus sumamente perfeito só poderia criar objetos que pudessem refletir a sua própria perfeição. Tudo que Deus cria, aponta, de alguma forma para as perfeições de seu ser. De fato, para lembrar as sábias palavras de Agostinho, ordem, forma e medida são perfeições inerentes à toda criação divina. Se fizermos um caminho inverso, como aquele trilhado por Tomás de Aquino na quarta via, contemplaremos os graus de perfeições existentes na natureza e chegaremos à suma perfeição responsável por todas as outras perfeições. Assim, se pressuponho um ser perfeito, deverei admitir que tudo aquilo que ele cria é perfeito; se considero que há indícios de perfeição na criação, serei induzido a admitir que essas perfeições são efeitos da perfeição máxima. Sendo o homem, o coroamento da criação divina, espera-se que ele seja capaz de refletir ao máximo as perfeições do seu Criador.

A questão que procuramos, contudo, não aponta para a necessidade de seres criados serem dotados de perfeição. O que nos interessa neste ensaio é saber em que medida um ser perfeito pode ser limitado e, conseqüentemente, se um ser limitado é realmente perfeito. Nos interessa algo mais: considerando a possibilidade de conciliação entre perfeição e limite, em que sentido deveriam ser pensadas as limitações cognitivas de Adão? Podemos conjecturar, como o fizeram, por exemplo, Blaise Pascal e C. S. Lewis que o homem pré-queda, possuía faculdades cognitivas que atuavam de modo prodigioso. O mundo criado por Deus foi, na célebre expressão de Leibniz, o melhor dos mundos possíveis e, sendo o homem a coroa da criação divina, não deve nos causar estranheza a sua perfeição cognitiva. Sem dúvida, a semelhança com um Deus onisciente, potencializava ao máximo a capacidade intelectual do primeiro homem. Se, em um estado pós-queda, os homens que usam 50% de sua capacidade neuronal estão na categoria dos gênios, imaginemos o poder cognitivo extraordinário de uma mente funcionado no seu auge. Com esse intelecto prodigioso, Adão possuía limitações cognitivas?

Considerando o que afirmamos acima sobre o fato de a limitação ser uma propriedade essencial de um ser finito e que esta limitação só representa imperfeição sob a perspectiva do ser infinito, podemos deduzir que Adão, apesar de sua perfeição extraordinária, possuía limitações cognitivas no paraíso. A análise dessas limitações deve começar justamente pelo elemento que faz do primeiro homem um ser finito e daquilo que o distingue de seu Criador infinito, isto, é, o tempo, o movimento. Platão, certa vez, definiu o tempo como a imagem móvel da eternidade. Não há dúvida que o problema da relação entre tempo e eternidade é sobretudo complexo e que a tese platônica nos traz algum esclarecimento sobre a questão, no entanto, definiremos o tempo, aqui, como a determinação da finitude. Mesmo em uma visão cíclica, o tempo pode ser pensado dessa forma, pois, no movimento cíclico, temos eventos que se repetem indefinidamente e não o mesmo evento ocorrendo em sua perpetuidade. Se não houver alguma determinação, nem mesmo a repetição é percebida. Noutros termos, o tempo é aquilo que diz que o finito, apesar de perfeito, é limitado.

Recordando a célebre passagem das *Confissões*, podemos afirmar que o tempo surge quando Deus principia a criação, quando surge algo diferente de Deus, algo que não possui a essência completa da eternidade. Quando Deus cria, há algo determinado, há duração, movimento, finitude, há tempo. Na acepção mais rigorosa do termo, não há tempo para Deus enquanto algo que lhe determina, posto que Ele é eterno e a única determinação que é pensável em um ser eterno é aquela que Ele soberana e livremente impõe sobre si mesmo. De certo modo, somente na encarnação o eterno se determina porque, na encarnação, misteriosamente, o infinito penetra no tempo. Usamos costumeiramente expressões como “no tempo de Deus, seremos recompensados” ou “o início da eternidade”, mas isso se deve unicamente a carência de uma linguagem que expresse adequadamente como um ser infinito age no tempo.

Ser perfeito significa uma sintonia entre essência e ação, entre aquilo que eu faço e aquilo que a minha condição me permite fazer. Neste sentido, um ser perfeito é aquele cuja ação é a expressão máxima do seu ser. É por isso que a encarnação continuará para nós o mistério por excelência do cristianismo, o paradoxo absoluto da fé, diria Kierkegaard, porque nela o infinito, por si mesmo, decide quebrar a sintonia entre essência e ação. Sem dúvida, ser perfeito para o infinito é não ter limites; pelo contrário, ser perfeito para o finito é ter limites, é ser temporal. Esta é, certamente, a condição do homem paradisíaco. Se, por um lado, como obra do Criador perfeito, suas perfeições são evidentes, justamente porque é criatura, porque é temporal, possui limitações. A criação, portanto, possui um caráter dialético. O homem tem, ao mesmo tempo, as indeterminações de sua perfeição e as determinações de sua condição como ser temporal. O homem é perfeito, e a perfeição é, por vezes, cega para os limites, mas ele é também finito e, como finito, suas limitações erguem-se vigorosamente demarcando os limites de sua perfeição. A dialética, entretanto, não significa que a criação perfeita não admita limitações. Podemos, por enquanto, dizer que Adão é o perfeito finito, o perfeito temporal, o perfeito limitado. No Éden havia, portanto, sintonia entre essência e ação. Adão fazia tudo aquilo que a sua essência finita lhe permitia fazer. Falta-nos, contudo, o cerne da questão: quais as limitações cognitivas de Adão enquanto ser humano perfeito?

3 – TEMPO PASSADO: A DIALÉTICA ENTRE MEMÓRIA E ESQUECIMENTO

Quando contemplo a pequena duração da minha vida absorvida na eternidade precedente e seguinte, o pequeno espaço que preencho e mesmo e mesmo que vejo abismado na infinita imensidão dos espaços que ignoro e me ignoram, apavoro-me e admiro-me por me ver aqui e não lá, pois não existe razão porque aqui e não lá, porque agora e não então. (PASCAL, **Pensamentos**).

Estar no tempo é uma condição determinante de um ser finito. Essa temporalidade, por sua vez, submete o ser finito a uma dialética constante entre memória e esquecimento. Para lembrar, é preciso poder esquecer e para esquecer é preciso, primeiramente, ter lembrado. A memória é uma espécie de atualização permanente do passado, a tentativa de tornar presentes os objetos que o movimento temporal tornou ausentes. Nessa dialética, contudo, a memória não atualiza todo o passado, apenas parte dele. O homem paradisíaco, posto que é finito, está sujeito a essa dialética permanente. Ele tem memória e, como não há memória sem esquecimento, ele possui um acesso seletivo e limitado ao passado. Isso não representa, a rigor, uma imperfeição. É, simplesmente, uma característica essencial de um ser finito, a consequência lógica de estar no tempo, a sujeição à dialética entre memória e esquecimento.

Para ilustrar a dialética entre memória e esquecimento que caracteriza o ser finito, podemos recorrer a um exemplo da literatura. O célebre escritor argentino Jorge Luis Borges em um conto denominado *Funes, o Memorioso*, narra a história de um sujeito chamado Ireneo, o qual, após receber um golpe acidental na cabeça, adquire uma memória prodigiosa capaz de registrar todos os eventos vividos, não esquecendo nem mesmo aqueles detalhes considerados mais irrelevantes. Tudo que ele ouve, toca, sente e vê fica registrado em sua memória colossal. A capacidade, aparentemente extraordinária, acaba se convertendo em um laço para Funes. Como tudo está presente em sua memória, tudo é simultâneo, embora sua mente permaneça finita, ele acaba perdendo a capacidade de abstração, a noção de tempo e, por fim, a própria identidade. O problema do Memorioso reside, como dito acima, na quebra da sintonia entre essência e ação, entre aquilo que ele

faz e o que o seu ser lhe permite fazer. Como ser temporal, Funes não pode fugir à dialética da memória e do esquecimento, de modo que, estranhamente, só poder lembrar é para ele uma imperfeição. Se não ter limites é marca de perfeição para um ser infinito, para um ser finito, isso expressa imperfeição.

É preciso esquecer! Esta é a condição fundamental de estar no tempo. Mas a dialética precisa ser mantida firmemente, pois, se só poder lembrar é marca de imperfeição em um ser finito, só poder esquecer é também uma quebra da sintonia entre essência e ação. Imaginemos uma pessoa que não tivesse a capacidade de reter a experiência vivida, se os objetos, logo que perdessem o contato com os sentidos, fossem sepultados no baú intransponível do passado, de modo que não mais pudessem ser acessados pela mente. A perda da relação com o passado e a incapacidade de atualizar o dado da experiência vivida, em pouco tempo, destruiriam não apenas a faculdade cognitiva desta pessoa como alterariam drasticamente seus afetos e sua moralidade. O tempo é movimento, e não poder transitar no tempo é sinal de imperfeição. De fato, alguém que não fosse capaz de lembrar tornar-se-ia escravo de um tempo estático, de um tempo sem movimento, de um tempo que não é tempo. E tudo para ele acabaria a cada instante. Nesta existência fugidia nada seria permanente. Tudo começa é tudo termina indefinidamente. As implicações dessa condição, como dito acima, seriam terríveis. A título de exemplo, sem a capacidade de lembrar, nos tornaríamos prisioneiros das imagens presentes e, por conseguinte, virtudes como gratidão e esperança perderiam completamente o sentido para nós. Qual o sentido em agradecer quando nossa mente não pode encontrar ações dignas de gratidão? Como esperar se não houvesse o fundamento do passado? Sem a memória, o que passou não apenas passou, deixou literalmente de existir.

Lembrar..., esquecer..., lembrar..., esquecer..., lembrar..., eis a condição fundamental de estar no tempo, de ser temporal, de ser finito. Costuma-se dizer que o tempo tudo consome, mas o tempo não pode consumir as coisas sem, ao mesmo tempo, conservar a sua imagem, sem conservá-las na memória. Foi assim que Deus criou perfeitamente os seres finitos e esta era, certamente, a condição de Adão antes Queda.

Não sabemos quantos anos o primeiro casal humano viveu no Éden antes de sucumbir aos ardis da Antiga Serpente, mas podemos admitir que eles possuíam uma memória seletiva do passado. Pode ser que, tendo uma mente perfeita, nossos primitivos pais pudessem acessar os dados do passado de modo bem mais imediato do que conseguimos na realidade pós-queda, mas eles precisavam lembrar. Eles eram capazes de lembrar das árvores que cultivavam no jardim, dos filhotes de animais que haviam sido concebidos nos anos anteriores, da noite escura sempre que o crepúsculo banhava de luz o universo, do diálogo amistoso que travavam com o Criador na viração do dia ... Eles lembravam ... mas não é possível lembrar a quem não é possível esquecer. A dialética de estar no tempo é inconfundível, irreduzível, interminável, inevitável. Para cada coisa que lembramos, há sempre outra que esquecemos, é neste vai e vem contínuo que o ser finito adquire conhecimento, e mesmo a coisa que lembramos, antes de lhe atualizarmos pela memória, ela habitava no baú silencioso do esquecimento. Como já mostrou Agostinho a força dessa dialética, sequer poderíamos falar em esquecimento se, antes não recordássemos das palavras que expressam esse conceito.

Como ser finito, Adão não possuía uma memória capaz de atualizar simultaneamente todos os dados do passado, por isso, precisava lembrar ..., esquecer ..., lembrar ... A memória é justamente o mecanismo que o ser finito emprega para acessar o objeto ausente. Perfeita limitação que o Infinito outorgou à sua criatura! A rigor, um ser infinito não está submetido à dialética da memória e do esquecimento. Justamente por ter todos os dados da realidade simultaneamente diante de si, ele não pode esquecer, e se não pode esquecer, não precisa lembrar. Na mente de um ser infinito tudo é a atual. É verdade que costumamos encontrar expressões nas Escrituras do tipo: “O Senhor se lembrou do seu povo” ou “Deus se esqueceu de Israel”, como se o Criador infinito estivesse sujeito à dialética da memória e do esquecimento, mas é claro que tal linguagem é apenas um antropomorfismo para melhor expressar como o Deus infinito age na esfera da finitude. De fato, a dialética temporal concerne apenas aos seres finitos, que não são capazes de apreender a realidade em sua contiguidade infinita, não ao ser infinito que tem toda a realidade diante de si. De modo preciso, a ausência é um conceito que faz pouco sentido na esfera da eternidade pura.

Mas poder acessar o passado apenas de modo seletivo não seria uma espécie de imperfeição do homem paradisíaco? De modo nenhum. Esta é precisamente uma marca de perfeição da finitude, pois, como já afirmado, expressa a perfeita sintonia entre essência e ação. Contudo, é preciso admitir que foi, possivelmente, esta condição que levou Eva a perder-se frente ao diálogo sedutor da Serpente. Ela parece ter esquecido a essência da ordem divina, por isso, parece facilmente aceitar a imagem de um deus mentiroso, egoísta e interesseiro que o Tentador lhe apresentava. Eva parece ter esquecido o próprio conteúdo da prescrição divina, a qual não lhe proibia de tocar na árvore, mas de comer, nem que eles poderiam morrer se comessem do fruto, mas que morreriam inexoravelmente. É preciso dizer que não há nenhum inconveniente em assegurar que uma perfeição da criatura tenha servido de condição para o surgimento do mal. Sabemos que as perfeições de Lúcifer (sabedoria e beleza) foram justamente a condição para que a raiz venenosa da soberba brotasse em seu coração. Ademais, como já nos explicou exemplarmente Agostinho, a perfeição do livre-arbítrio foi também a condição para a Queda do homem. Mesmo se admitíssemos, por um momento, a impossibilidade, de Deus ter criado Adão fora do tempo, mesmo assim, a possibilidade do pecado existiria em virtude de seu livre-arbítrio originário.

Enfim, a memória é uma das faculdades humanas mais extraordinárias. Ela é uma das marcas mais visíveis da vinculação do homem com a eternidade. Nela há, a cada instante, a tentativa de infinitizar o momento vivido, de atualizar o objeto percebido, de perpetuar o sentimento pulsado. Ele conserva os objetos que a alma já não sente, conforme nos fala Agostinho no livro X de suas *Confissões*. A faculdade memorativa parece desvelar o nosso desejo ardente de infinitude, por isso, não nos estranha que Platão tenha definido o próprio conhecimento com uma espécie de recordação das verdades eternas. Mas devemos acrescentar que a memória é a marca fundamental da finitude, condição fundamental de estar no tempo. Possivelmente, a melhor metáfora para falar da essência da criatura perfeita foi-nos fornecida pelo Pregador em *Eclesiastes*. O homem é o solo da finitude no qual Deus plantou a semente da eternidade. Como toda semente, a eternidade crescerá e tornar-se-á árvore frondosa, mas, como toda árvore, ela jamais poderá abdicar do solo no qual foi plantada pelo Jardineiro cósmico. E por que o Deus

infinito criou o homem justamente assim? A razão disso é amplamente lógica, embora alguns a tenham por infável. Como um ser perfeito, Deus só pode criar seres semelhantes a si mesmo, mas, como ser infinito, Ele não pode criar nada intrinsecamente igual a si mesmo, do contrário, comprometeria a sua própria infinitude.

4 – TEMPO PRESENTE: A DIALÉTICA ENTRE PERCEPÇÃO E NÃO-PERCEPÇÃO

*Mas, assim como cada percepção distinta da alma contém uma infinidade de percepções confusas que abarcam todo o universo, assim também a alma só conhece as coisas de que tem percepção enquanto delas tem percepções distintas e avivadas; e possui perfeição segundo o grau das suas percepções explícitas. Cada alma conhece o infinito, conhece tudo, mas confusamente. Só Deus tem um conhecimento nítido de tudo, porque Ele é sua fonte (LEIBNIZ, **Princípios da natureza e da graça**).*

Como já destacamos, a condição finita e temporal de Adão faz com que existam limitações em suas faculdades cognitivas. As limitações apontam justamente para o modo como o ser finito transita no tempo. Vimos que, quando ele se relaciona com o tempo passado, as limitações se expressam em um acesso limitado do dado que o movimento temporal tornou ausente. No entanto, quando se trata do tempo presente, da esfera da experiência propriamente dita, as limitações também emergem de modo evidente. É preciso esclarecer que há também uma dialética na percepção sensível. Para um objeto que percebemos há sempre outros que não percebemos. Por outro lado, estrito senso, um ser infinito não percebe, justamente porque não existe nada que ele não perceba. Ele, simplesmente, tem todos os dados da experiência diante de si, a sua onisciência não permite que nenhuma experiência lhe escape, capta simultaneamente todas as experiências possíveis. A simultaneidade da experiência, contudo, não se constitui em uma característica intrínseca de um ser finito.

Imaginemos Adão despertando diante dos sons incontáveis que ecoam na aurora edênica. Cantos de pássaros em tonalidades múltiplas, o barulho da brisa brincando entre as folhas, arrastando os cascalhos, o som monótono da água caindo na cachoeira. Na

manhã edênica, como em uma explosão das forças da natureza, sons incontáveis estão a ecoar e a preencher cada diminuto espaço do jardim. Finitos sons, é verdade, mas incapazes de o ser finito captá-los em sua plenitude e simultaneidade. Não há dúvida que uma audição perfeita seria capaz de diferenciar o canto de uma gaiivota do canto de uma águia a quilômetros de distância; talvez, pudesse até mesmo identificar a queda de uma folha do outro lado do Eufrates, mas ele não poderia perceber todos os sons simultaneamente, pois, em um ser finito, a percepção de um objeto é sempre a não percepção de outros. Imagine que duas folhas de árvores diferentes caíssem ao mesmo tempo, cada uma produzindo o seu som. Dificilmente, Adão apreenderia o som produzido, ao mesmo tempo, pela folha do carvalho e pela folha da amoreira. Imagine ainda incontáveis folhas caindo ao mesmo tempo, melhor, todas as folhas, todos os sons, o rugido altissonante de toda a natureza edênica, toda a experiência sensível.

Pelo exemplo acima, podemos afirmar que, embora Adão possuía sentidos perfeitos, estes sentidos possuem limitações, as limitações próprias de sua condição essencial. E ainda é preciso lembrar que estamos falando de apenas um dos cinco sentidos. Agora imagine sons, imagens, odores, sabores, objetos, tudo explodindo ao mesmo tempo para a realidade viva do Éden. Isso nos obriga a considerar que Adão possuía um conhecimento seletivo também da informação presente, não era capaz de apreender toda a experiência possível. Na verdade, o fato de o homem possuir vários sentidos já demonstra a sua capacidade limitada de acesso à informação presente. Adão não possuía um único super sentido com o qual pudesse perceber toda a realidade, através do qual pudesse captar cheiros, sons, imagens, sabores, objetos em um mesmo ato perceptivo, e mesmo se o tivesse, não poderia ter um conhecimento exaustivo do presente, posto que permaneceria finito, sujeito à dialética interminável entre a percepção e a não percepção.

A simultaneidade completa de experiências não é possível ao um ser finito, nem mesmo se pensássemos em um único sentido; se pensássemos em todos os sentidos, esta impossibilidade tornar-se-ia ainda mais flagrante. O equipamento sensorial e cognitivo como um todo não foi projetado para esse tipo de acesso à realidade. Para tentar ilustrar esta impossibilidade, recorramos a uma ilustração um tanto quanto limitada dado o abismo entre as faculdades cognitivas do homem edênico e do homem atual. Pensemos

em alguém tentando sintonizar uma rádio. Às vezes, o botão modulador do equipamento estaciona no espaço onde duas faixas se cruzam. Essa simultaneidade, longe de nos apresentar a experiência completa dos sons emitidos pelas duas rádios, acaba destruindo a percepção. Os objetos sensíveis, no caso os sons, se confundem, tornam-se, na maioria das vezes, ruídos indecifráveis, e o acesso à experiência fica comprometido. Não se trata, a rigor, de uma imperfeição do equipamento. A questão é que ele foi projetado para sintonizar de modo completo apenas uma emissora ao mesmo tempo, de modo que, quando inúmeras faixas se cruzam no mesmo espaço, a sua capacidade essencial é extrapolada. O ser humano, mesmo o ser humano perfeito, é mais ou menos semelhante ao rádio descrito acima. Porque foi fecundado no solo da finitude, no tempo, não está em condições de captar o presente em sua completa simultaneidade. Se tentasse fazê-lo, isso destruiria a sua percepção, pois extrapolaria a potência do seu aparato cognitivo originário. Isso, mais uma vez, não representa nenhuma imperfeição; é, pelo contrário, uma espécie de perfeição do ser finito, pois, neste caso, a sintonia entre essência e ação acha-se claramente assegurada.

Prova evidente de que o homem paradisíaco não possuía acesso irrestrito ao presente está no fato de que ele estava sujeito a aprender. Mesmo dotado de um aparato cognitivo perfeito, onde a sintonia entre a impressão sensível e a operação intelectual era completa, Adão não era capaz de deduzir por si só que havia uma árvore no jardim cujo fruto ele não podia comer. Deus precisou ensiná-lo, dizer qual era a árvore em questão e, provavelmente, explicá-lo porque essa árvore era diferente de todas as outras comestíveis, Adão precisou aprender a deduzir do mandamento divino a dimensão terrível do conceito de morte uma vez que esta experiência era desconhecida na realidade edênica. Mesmo dotado de uma mente enciclopédica, precisou aprender as características particulares de cada animal, a fim de que pudesse nomeá-los e cada nome pudesse fazer sentido para ele. O nome não poderia ser aleatório, deveria, na medida do possível, expressar o nomeado. E isso só é possível por meio do aprendizado da diferença. Adão, provavelmente, observando o modo como os animais na natureza formavam pares, deve ter percebido que precisava de uma companheira para completar sua existência. Na verdade, apenas para um ser infinito, a possibilidade de aprender é uma imperfeição; para o ser finito, isto é, ao contrário, uma perfeição.

5 – TEMPO FUTURO: A DIALÉTICA ENTRE CERTEZA E DÚVIDA

“Um ato de fé é realizado por um ser finito, que está tomado pelo infinito e para este se volta. Trata-se de um ato no âmbito do finito, com toda a limitação que como tal lhe é própria; mas também é um ato do qual participa o infinito transcendendo os limites do finito. Fé é certeza na medida em que ela se baseia na experiência do sagrado. Mas, ao mesmo tempo, a fé é cheia de incerteza, uma vez que o infinito para o qual ela é orientada é experimentado por um ser finito” (TILLICH, A dinâmica da fé).

Chegamos a uma última limitação cognitiva possível do homem paradisíaco. Novamente, o tempo se apresenta como a condição limítrofe. Já vimos que o ser finito possui uma memória seletiva do passado e um acesso restrito à experiência presente. Não obstante, a grande limitação cognitiva do perfeito temporal reside na sua relação com o tempo futuro, nos dados que o movimento temporal ainda não atualizou. Por meio de sua potência cognitiva perfeita Adão, certamente, é capaz de fazer deduções matematicamente precisas, aproximações, estimativas e até mesmo previsões. Mas ele não seria capaz de fazer uma antecipação rigorosa do futuro.

Ser temporal, portanto, significa poder acessar os dados da realidade apenas parcialmente. O movimento estabelece, por assim dizer, um distanciamento entre o objeto do conhecimento e aquele que apreende o objeto. No caso do tempo passado, o objeto também se encontra ausente, mas, com a ajuda da memória, ele é mais facilmente acessado porque já foi apreendido por nós. No caso do tempo futuro, este acesso é bem mais problemático já que o objeto ainda não foi atualizado. Mesmo assim, Deus não deixou a sua criatura sem algum tipo de acesso ao futuro, razão pela qual dotou-a da faculdade da fé. Na esfera da finitude, a fé realiza um movimento semelhante àquele realizado pela memória, apenas em uma direção diferente. Na verdade, ambas têm por finalidade a atualização dos objetos ausentes. A memória tenta atualizar o objeto passado e a fé tenta atualizar o objeto futuro, duas formas de não-ser, como diria Aristóteles: o passado que já passou e, portanto, já não é, e o futuro que, pelo fato de não ter sido ainda atualizado, está inserido na categoria do não-ser.

O ser finito não pode ter a simultaneidade da realidade, nem mesmo da realidade temporal, pois a extensão do tempo é sempre maior do que o seu aparato cognitivo. Mesmo assim, ele possui dispositivos que permitem, de algum modo, acessá-la. É verdade que, no caso da fé, o mecanismo representa bem menos certeza objetiva do que no caso da memória. No entanto, do mesmo modo que afirmamos em relação à memória e à percepção, também devemos admitir que a fé, poder projetar a realidade, é uma espécie de perfeição do ser finito. É uma clara expressão de limitação cognitiva do homem no modo de acessar o futuro, mas também já afirmamos que para a finitude, a perfeição é ter limites.

Novamente, a dialética da temporalidade atinge o ser finito. Se, na relação com o passado, o homem está submetido à dialética entre a memória e o esquecimento e, na relação com o presente, não há como fugir à dialética entre a percepção e a não-percepção, na relação com o futuro a tensão também emerge. O objeto que a fé antecipa é marcado pela dialética da certeza e da dúvida, dúvida aqui não entendida como sinônimo de descrença ou ceticismo, mas como uma categoria fundamental que marca a relação entre o sujeito do conhecimento e o objeto do conhecimento que ainda não foi atualizado pelo movimento temporal. Toda vez que o finito se lança para o futuro ele é atravessado pela categoria da dúvida. Ao mesmo tempo, a potência da fé é uma espécie de “máquina do tempo” capaz de desafiar o limite cronológico e proporcionar uma espécie de contado com o objeto almejado. Neste sentido, podemos dizer que há na fé, uma incerteza objetiva, porque o objeto mesmo da fé, por definição, está ausente, mas há também uma certeza subjetiva, porque é próprio da faculdade da fé antecipar uma certa relação com o objeto projetado. Em uma palavra, no movimento da fé, o seu objeto encontra-se tanto presente quanto ausente. A presença aponta para a certeza e a ausência aponta para a dúvida.

Ter fé é, de algum modo, pretender perfeições maiores. E nisso não existe nenhuma contradição, pois o perfeito finito, por definição, admite sempre perfeições maiores, quando o seu referencial é a infinitude. A rigor, mesmo na eternidade, o perfeito finito admite perfeições maiores. Na verdade, a fé seria imperfeição em um ser infinito, pois tal ser, além de experimentar a simultaneidade da realidade, como é dotado da

máxima perfeição, de modo nenhum, pode pretender perfeições maiores do que aquelas que já tem. Razão pela qual, rigorosamente, um ser infinito não poderia ser dotado de fé. Por outro lado, como dito acima, o homem perfeito, mesmo na eternidade, continuará tendo fé. É verdade que o objeto atual de sua fé será plenamente realizado, deixará de ser fé, mas a fé mover-se-á para outro objeto, porque é da essência dessa faculdade sempre relacionar-se com o objeto ausente, e quando o referencial é o Deus infinito, o perfeito infinito, tem sempre algo para poder alcançar, haverá sempre uma certa ausência ontológica a ser preenchida. Na esfera da eternidade, haverá sempre um ponto fundamental que marca a distinção entre o Deus infinito e a criatura finita.

Imaginemos todas as promessas feitas por Deus a Adão em relação ao futuro, os eventos futuros que Deus antecipava ou a própria ordem divina sobre o que aconteceria se Adão comesse o fruto proibido. Para o Deus infinito não há diferença temporal entre aquilo que ele promete ou prevê e a realização desses eventos, posto que Ele tem a simultaneidade completa da realidade, razão pela qual não seria concebível atribuir a categoria da dúvida a Deus. Para o homem paradisíaco, não obstante, o objeto prometido está sempre separado da promessa, há sempre um distanciamento entre a previsão do evento e a sua realização propriamente dita. Neste sentido, há espaço para a dúvida no homem perfeito. Por ser temporal, ele não experimenta a simultaneidade do real, conseqüentemente, a certeza objetiva em absoluto não lhe é possível. O homem edênico precisa da fé para poder acessar, de alguma forma, aquilo que ainda não existe para ele, apenas para Deus. Pela fé, ele é capaz de promover uma espécie de antecipação do objeto crido, o que lhe produz convicção acerca da realidade do evento vindouro. Essa certeza é, no entanto subjetiva, pois a fé garante certa experiência, certa antecipação, não a simultaneidade plena do tempo futuro.

Enfim, o homem pré-queda pode crer, mas poder também duvidar. Embora pareça estranho, não há nenhum inconveniente nisso. Adão é perfeito, é verdade, mas não nos esqueçamos que ele é o perfeito finito, o perfeito temporal, o perfeito limitado. Aliás, se o homem paradisíaco não fosse suscetível de dúvida, a tentação demoníaca lhe ofertando a possibilidade de mais conhecimento, não faria qualquer sentido para ele. Rigorosamente, não teria havido tentação. O sujeito que não é atravessado pela categoria

da dúvida jamais sentirá inclinado à promessa de mais conhecimento. É claro que, no homem paradisíaco, sua perfeição impedia que sua dúvida se convertesse em ceticismo ou desespero e a fé de um ser humano nestas condições torna o objeto crido bem mais nítido e real, mesmo assim, Adão ainda está separado do objeto da fé, por conta de sua finitude. A propósito, a fé só existe porque há esta separação essencial. A fé, por definição, busca tornar o objeto presente, mas só é possível tornar presente aquilo que está ausente; a fé sempre aspira perfeição maiores, e isso é sempre possível para o perfeito finito quando o seu referencial é o Deus infinito.

6 - A PERSISTÊNCIA DA DIALÉTICA NA ETERNIDADE

“E a vida eterna é esta: que conheçam a ti, o único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo a quem enviaste” (Evangelho de João 17:3).

E na eternidade, quando formos, enfim, remodelados pela perfeição divina, quando a semente da infinitude se fizer em nós árvore frondosa, quando a nossa temporalidade ofuscar-se nas dimensões sem fim da eternidade, quando a seiva perene saciar em nossa alma da fome das eras e os portais etéreos que apontam para o ser se abrirem perpetuamente para nós, seremos ainda atravessados pelo limite? Partindo da definição de perfeito como uma adequação entre essência e ação, entre aquilo que caracteriza intrinsecamente um ser e aquilo que este mesmo ser torna efetivo, poderíamos conjecturar que, mesmo na eternidade, o perfeito terá limitações. Vale lembrar ademais que, por definição, a condição de perfeição dos seres finitos, na sua relação como a infinitude, é sempre um aspirar a perfeições maiores, e quando o finito, mesmo o perfeito finito, tem como referência a infinitude pode sempre aspirar tais perfeições. Poderemos trilhar os passos vagarosos da realidade celeste e contemplar em Deus sempre mais perfeições do que aquelas que já possuímos, perfeições que nos são lícitas aspirar e possuir enquanto criaturas.

Sem dúvida, na eternidade, a sintonia ontológico-pragmática, ora obstruída pelos efeitos da Queda, será completamente restaurada. Seremos, enfim, aquilo para o qual

Deus nos criou desde o princípio. Como, no início, o agir corresponderá ao ser. Em outras palavras, a eternidade será uma afirmação de nossa essência, e vimos que é da essência do ser finito ter limites. Por toda a eternidade, a nossa contingência essencial nos seguirá. Seremos perfeitos, mas perfeitos com limites epistêmicos, atravessados pelo trio dialético: memória/esquecimento, percepção/não-percepção, certeza/dúvida. Lembraremos dos feitos passados de Deus guiados por uma memória pura e pacificada plenamente pelo conhecimento de Deus, mas uma memória para sempre incapaz de acessar o dado vivido em sua simultaneidade plena.

Além disso, continuaremos a nos relacionar com o presente com base na dialética da percepção/não-percepção. Se o homem paradisíaco, como estabelecemos, não era capaz sequer de perceber a simultaneidade da experiência finita, o que pensar da contemplação sublime da realidade infinita? Como perceberemos os limites da nossa perfeição quando os nossos olhos forem ofuscados pela glória divina! Estrito senso, uma essência infinita jamais pode ser capturada em sua plenitude, sobretudo, por um ser finito. Por definição, no ser infinito, haverá sempre algo, incapturável, inefável, insondável, incompreensível. De certo modo, o infinito é sempre algo que nos escapa. Não se trata, é óbvio, de uma teologia negativa, pois esta impossibilidade é, ao mesmo tempo, a condição para que o nosso conhecimento de Deus permaneça dinâmico por toda a eternidade. Em Deus haverá sempre algo novo a ser conhecido pelas criaturas finitas.

Sem dúvida, precisamos tomar cuidado com o sentido da expressão “conhecer o Senhor face a face” em referência ao encontro final com Deus. Isso não significa que, a partir daquele momento, alguém pudesse desfrutar de um conhecimento exaustivo de Deus. A expressão marca apenas uma distinção radical e fundamental entre tal conhecimento e o conhecimento anterior. É preciso sempre destacar o ensinamento bíblico segundo o qual a essência da eternidade consiste em conhecer a Deus. Conhecer, neste sentido, tem caráter atual, relacional e cumulativo posto que sempre será o conhecimento experimentado pelo finito em relação à realidade infinita.

De certo modo, mesmo na eternidade, a dialética entre certeza e dúvida estará presente. Para os seres finitos, por definição, incapazes de experimentar a simultaneidade

plena do real, haverá algo que, por falta de um termo mais preciso, designamos “futuro da eternidade”. Conforme a teologia bíblica, perderemos certas limitações por ocasião da redenção do corpo, mas não ao ponto de apreendermos a realidade eterna em sua plenitude. Isso significa que ainda precisaremos de fé na eternidade. Mas qual a necessidade da fé para aqueles que já desfrutam da presença divina e já experimentam a efetivação de suas promessas? Certamente, a fé enquanto expectativa da presença ou como anseio pelo cumprimento de promessas não terá mais lugar; não precisaremos mais da *fé objetificada*, a fé que repousava nas profecias já consumadas. Não obstante, ainda precisaremos da *fé objetificante*, isto é, a expectativa mesma da fé nunca estará ausente da relação entre um ser finito e o Deus infinito. Se é verdade que o conhecimento do homem acerca de Deus será sempre dinâmico, continuaremos tendo fé, ainda que seja simplesmente para conduzir a expectativa de que, em um dado ponto da eternidade conheceremos mais a Deus do que no instante em que a expectativa emerge. Isso, de nenhum modo, compromete a nossa perfeição ou obstrui a condição bem-aventurada da eternidade. Para o finito, para o finito limitado, não existe tarefa mais sublime do que fazer da eternidade a mesa para saborear perpetuamente o manjar do conhecimento de Deus.

REFERÊNCIAS:

- AGOSTINHO. **A natureza do bem**. Porto: Fundação Eng. Antônio Almeida, 1992.
- _____. **Confissões**. In: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia Sagrada: antigo e novo testamentos**. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- BORGES, Jorge Luis. **Funes, o memorioso**. In: Prosa Completa. Barcelona: Bruguera, 1979, vol. 1, pgs. 477-484).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é filosofia?** São Paulo: Editora 34, 2000.
- LEIBNIZ. **Princípios da natureza e da graça**. Disponível em: www.lusosofia.net (Acessado em 03/03/2018).
- PASCAL. **Pensamentos**. 2. ed. (Edição Lafuma). São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- TILLICH, Paul. **A dinâmica da fé**. 3. ed. São Leopoldo: Sinodal, 1985.